

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIA
29 de novembro de 2024

A SANTA JOANA DOS MATADOUROS / 2024

um filme de João Sousa Cardoso

Realização: João Sousa Cardoso / **Assistente de Realização:** João Brojo
Argumento: João Sousa Cardoso, António Preto / **Adaptação:** Regina Guimarães (A partir de Bertolt Brecht) / **Montagem:** André Sousa, Tiago Afonso, João Sousa Cardoso / **Direção de Arte:** Felícia Teixeira, Catarina Oliveira, João Brojo, Nuno Gonçalves / **Imagem:** Ricardo Novais Pereira, André Sousa, José Guilherme Marques / **Música:** João Covita, Nuno Sousa / **Som:** Teresa Pinto, Tiago Ralha / **Assistentes de Som:** Diana Combo, Lara Bolito, Luís Vieira / **Iluminação:** Miguel Ângelo Carneiro / **Assistentes de Iluminação:** Rui Braga, Sofia Fortuna, Samuel Cunha / **Fotografia de Cena:** Catarina Oliveira / **Grafismo:** Pedro Nora / **Interpretação:** Constança Carvalho Homem, Ricardo Bueno, Marta Bonito, Joel Sines, Adelaide Teixeira, Valdemar Santos, Tiago Vouga, Ricardo Leite, Ruben Andrade, André Figueira, Teresa Coutinho, Ana Rosa Silva, Edite Mendes, Soraia Sousa, Diana Combo, Celeste Cerqueira, Adão Reis e Né Barros, Cristina Mateus, Pedro Tudela, Silvestre Pestana / **Atores convidados:** Carla Bolito, Elmano Sancho / **Intérpretes Locais:** Formandos do Instituto do Emprego e Formação Profissional do Porto.

Produção: Felícia Teixeira, Teresa Santos, Ana Pinto / **Co-produção:** Câmara Municipal do Porto, Confederação / **Direção de Produção:** Isalinda Santos / **Assistente de Produção:** Ema Ramos / **Apoio à Produção:** Regina Machado / Diana Carvalho - Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto / **Cópia:** DCP, cores, 90 minutos.

Sessão apresentada por João Sousa Cardoso e André Sousa

O VALOR DOS BOIS

A Santa Joana dos Matadouros é um filme rudimentar a partir da obra de Bertolt Brecht, numa versão de Regina Guimarães, com a ação dramática localizada nas fábricas de Chicago e rodado integralmente no antigo Matadouro do Porto entre Setembro e Outubro de 2014. Há exatamente dez anos, a poucos dias do início da rodagem, o produtor de cinema responsável pelo filme desistiu do projeto, perante um processo de trabalho que se previa resistir aos protocolos habituais de uma produção

cinematográfica, apesar do nosso empenho em fixar o texto num guião tradicional e toda a equipa ter assumido um rigoroso mapa de rodagem.

Este filme sem produção profissional, concretizado com um baixo orçamento viabilizado por Paulo Cunha e Silva (1962-2015), então Vereador da Cultura da Câmara Municipal do Porto – que acreditou na nossa capacidade e a quem o filme é dedicado –, é a obra de um esforço coletivo em que ninguém foi pago pelo trabalho que realizou no acordo tácito da importância deste encontro inusitado entre humanos num lugar de dor animal e em nome de um filme futuro que todos queríamos ver feito.

O país atravessava uma crise económica profunda, regatado financeiramente pelo FMI e humilhado na cena da política internacional. Lançar braços a este filme parecia-nos a resposta necessária de uma certa dignidade social perante o estado das coisas. Hoje, passados dez anos, num país que subsiste culturalmente periférico, economicamente deprimido e a maltratar o seu povo, nesta noite de antestreia na Cinemateca Portuguesa – que tão bem nos acolheu desde o primeiro instante, o que muito nos honra e a quem sinceramente agradecemos – muitos de nós sentem que este filme foi rodado noutra vida. E é verdade. Este filme chega-nos de outro tempo para conversar connosco.

O filme que hoje vos mostramos pela primeira vez é um ensaio cinematográfico para um filme que teima em resistir a uma forma acabada. Trata-se, talvez, de um estudo de possibilidades ou, então, da ruína de um filme sonhado numa ruína industrial sobre os escombros das boas intenções e a exploração bruta da força de trabalho. É um filme que versa sobre os limites da ideia da bondade (encarnada por Joana Dark na atriz Constança Carvalho Homem), sobre o labor coletivo e sobre o triunfo e a aprendizagem que cada derrota transporta no seu âmago.

Como método de criação, sempre nos encontrámos mais próximos do estaleiro do teatro, por via da repetição, do improvisado, dos estádios de exaustão, do ensaio sem fim à vista... do que da compartimentação em especialidades e da economia de tempo próprias da realização industrial de cinema. Assim, **A Santa Joana dos Matadouros** trata do mercado do trabalho em dias de crise na Europa, explora as faculdades do cinema nas suas relações com o teatro e reúne um elenco de atores profissionais (incluindo Carla Bolito e Elmano Sancho como convidados) e amadores, reconhecidos artistas visuais (Silvestre Pestana, Cristina Mateus, Pedro Tudela, Celeste Cerqueira) e estudantes de Belas Artes, a cantora Ana Deus, a coreógrafa Né Barros, o jornalista de televisão Daniel Catalão, o galerista Fernando Santos e um grupo de habitantes do Vale de Campanhã em situação de desemprego que connosco interpretaram os pobres de Chicago.

Consciente herdeiro de um cinema materialista na senda de Roberto Rossellini e Manoel de Oliveira, mas também de um cinema abrupto que emerge dos embates corpo a corpo no curso da descoberta em rodagem (de Jonas Mekas a John Cassavettes) tanto quanto da força primitiva do cinema mudo, **A Santa Joana dos Matadouros** bebe fundamentalmente numa história mais antiga das imagens, não fosse a minha formação inicial e o campo de conhecimento a que sempre regresso, o das artes visuais. Como horizonte do universo deste filme e para orientação da direção de arte que se ocupou da criação dos inúmeros adereços (bandeiras e estandartes pintados, jornais impressos, cartas escritas com escantilhão e instrumentos musicais), verdadeiros agentes no filme, revisitámos a montante o tríptico da *Batalha de São Romano* de Paolo Ucello, o construtivismo russo e os padrões listados de Daniel Buren, além do grotesco da miséria e da guerra em Goya que ressurgem nas repetidas sequências de gargalhada geral, num

expressionismo que também me chega de Otto Dix. Nenhuma destas evocações pretende justificar as formas rudes deste filme estranho (antes de vós, para mim mesmo) sobre a guerra larvar no coração das nossas sociedades e a necessidade universal de alimento, mas limito-me a apontar alguns dos fantasmas que me assaltam e que – no decurso do meu trabalho desde há 25 anos, entre a arte contemporânea, o teatro, o cinema e a escrita de ensaio – vão invariavelmente reaparecendo.

O filme contou com uma equipa de som exigente (que reconhecemos nas imagens) mas, por uma série de acidentes durante a rodagem intempestiva, apenas algumas cenas puderam contar com a faixa de som integral captada por microfones devidamente instalados em perches que acompanhavam os atores em movimento. Grande parte do som final acabou por ser o som direto das câmaras, muitas vezes falível em termos da qualidade da perceção do texto. Por esta razão, eu e o André Sousa, artista visual por detrás de uma das três câmaras de rodagem e que – depois de uma primeira montagem do filme pelo cineasta Tiago Afonso e da corealização de um outro Brecht, **Na Selva das Cidades**, que filmámos a quatro mãos em São Paulo em 2016 – assumiu comigo esta montagem final, decidimos legendar grande parte do filme. Defendemos aqui a presença do texto escrito como mais uma camada num filme-colagem que se foi revestindo de um carácter mais plástico, onírico, transhistórico, à medida que lhe associávamos imagens (lúdicas, cómicas e trágicas) da memória cultural do último século. A legenda, ela própria, foi explorada como um material heteróclito porque alterna entre dois tipos de letra (a desenhada manualmente a escantilhão escolar e a tipografia digital) e inscreve-se na imagem como mais um elemento da composição visual, investido de cores específicas (sanguínea, roxo, ouro), participando por vezes em jogos no espaço do enquadramento ou na interrupção premeditada que devolve a palavra à escuta do ator.

Num filme desta natureza – artesanal e exploratório – algumas frases não se ouvem completamente, ou resultam entrecortadas em fragmentos de ideias que escutamos fragmentariamente como os farrapos das vozes de passagem no quotidiano da cidade. Por vezes, assistimos aos atores que suspendem a interpretação e repetem o texto porque um autocarro ou um camião de carga passou ali perto, na estrada junto ao matadouro, rugindo no silêncio da noite. Existem, ainda, aqui e além, desacertos entre o texto fixado por Regina Guimarães e a memória do ator que escolhemos respeitar na legenda quando esse desacerto é evidente e recorda as circunstâncias da interpretação e o cansaço.

Ao longo do filme, assistimos ao olhar atento dos amadores que ouvem aos atores o texto (a cena da cantina é um exemplo límpido), ao seu lado, e aos artistas na procura da contracena com os atores, em toda a vulnerabilidade e com convicção, apostados na descoberta do seu lugar ali nesta tribo. Além das imagens em fotocópias e impressões (materiais de que fiz uso frequente nas minhas exposições) que parasitam, corrompem, desviam a narrativa diegética a partir de certo momento do filme, **A Santa Joana dos Matadouros** é um exercício iconoclasta que sonda a possibilidade de desdramatizar as iconografias da cultura visual do dito mundo ocidental (da história política à poética do cinema) e profanar os ídolos, devolvendo as figuras ao uso corrente e à vida comum.

Neste ensaio meta-cinematográfico, contámos ainda com a música original composta por João Covita e Nuno Sousa (que já haviam colaborado connosco na minha primeira longa-metragem, **Baal** [2013], também a partir de Bertolt Brecht) com a interpretação em viola e acordeão no *plateau*, o desenho de luz de Miguel Ângelo Carneiro, sempre

disponível para reposicionar os projetores e substituir filtros à medida dos imprevistos e das decisões no golpe do momento; e a produção executiva de Isalinda Santos, incansável em coordenar todas as dimensões da rodagem. Contámos ainda com duas noites de “portões abertos” em que acolhemos o público exterior da cidade para assistir a um conjunto de cenas em rodagem e onde os espectadores se viram envolvidos em atores expectantes e involuntários deste filme.

A Santa Joana dos Matadouros é, repito, um filme estranho. Mas eu sempre me deixarei desviar pela mão torta, pela mão certa de Bertolt Brecht que me treina na dialética do inacabado. No ano seguinte à rodagem deste filme, eu abraçaria outro projeto, desta vez em teatro, numa viagem que só se aceita uma vez na vida, chamada *TEATRO EXPANDIDO!*. No momento de devolução do teatro municipal à cidade do Porto, levantámos 11 peças em 12 meses, na vertigem de semanas de ensaio a que o público podia aceder em três momentos distintos de cada mês. Assistindo à maturação dos ensaios para uma peça que nunca estrearia, na alusão de uma obra ao negro.

Este filme comportava já este desejo em germe: assistir ao trabalho de uma comunidade sem fim. No último minuto do filme, Brecht deixa-nos uma lição sem moral: “Vive sempre dividido! És o uni repartido! (...) Guardando o mau e o melhor, o que parece inferior a par do que é superior, dois modos de ser no ser. Ah! Fazer um só desses dois que cumpra o que ambos desejam e que inseparáveis sejam, o valor dos homens e... o valor dos bois.” Assim se me apresenta este nosso **A Santa Joana dos Matadouros**, bastardo e dadivoso.

João Sousa Cardoso
Gottingen, 29 de Novembro de 2024